

Um forte cheiro a maçã

Pedro Eiras

Campo do Teatro



CAMPUS LEIA

UM FORTE CHEIRO A MAÇÃ

Autor: Pedro Eiras

Direcção gráfica: Loja das Ideias

*Capa: Gravura de autor anónimo, publicada pela primeira vez por
Camille Flammarion em 1888.*

© CAMPO DAS LETRAS - Editores, S.A., 2003
Rua D. Manuel II, n.º 33 - 5.º 4050-345 Porto
Telef.: 226080870 Fax: 226080880
E-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt
Site: www.campo-lettras.pt

Impressão: Tipografia do Carvalhido - Porto
1.ª edição: Outubro de 2003
Depósito legal n.º 201342/03
ISBN 972-610-717-2
Código de barras: 9789726107170

Colecção: Campo do Teatro - 18

PEDRO EIRAS

*Um forte cheiro
a maçã*



PERSONAGENS

ELIAS

EMANUEL, pai de Elias.

MAGDALENA, mãe de Elias.

JUDAS, irmão de Emanuel, tio de Elias.

JUDITE, viúva de Abraão, que era irmão de
Magdalena.

JESSÉ, irmão de Elias.

MARTA, mulher de Jessé, cunhada de Elias.

TIAGO, filho de Jessé e Marta, sobrinho de Elias.

MARIA, irmã de Elias.

JOÃO, namorado de Maria.

VERÓNICA, amiga de Maria.

SIMÃO, primo afastado de Elias.

ANA, mulher de Simão.

CENÁRIO

Apartamento burguês, não excessivamente abastado. A riqueza é um hábito, mas gerida sem espírito de investimento aventureiro. Gasta-se o que for preciso, sem medo do futuro, mas só porque todos os gastos estão monotonamente previstos.

Grande relógio de pêndulo. Tapetes simétricos. Mesa extensa já com toalha posta e alguns pratos empilhados, copos, talheres, vinhos, garrafa de vinho do Porto. Cadeiras, sofás. Uma televisão com antena. Um quadro: A Última Ceia, de Leonardo da Vinci, numa reprodução barata (no entanto, é óbvio que mandaram fazer de propósito uma moldura cara). Outros móveis e bibelots. Botão para abrir a porta da rua.

Os móveis devem estar dispostos numa ordem estranhamente pouco funcional, em blocos separados uns dos outros, como se o palco tivesse aberto brechas. As personagens podem mesmo saltar entre os espaços onde se concentram os móveis, como se andassem sobre jangadas. Há zonas proibidas, onde ninguém se demora. Quando várias personagens se encontram num mesmo sítio, tal não significa que sintam especial empatia umas pelas outras.

Não se vêem janelas; apenas quatro portas, que dão para o átrio do prédio, a cozinha, o corredor dos quartos, um quarto de banho.

Tudo acontece a uma velocidade estonteante. As falas encadeiam-se umas nas outras. Duas personagens nunca ficam em silêncio juntas; não há verdadeiras pausas no diálogo, afasias, aporias, excepto quando essas pausas, afasias e aporias servem para definir as personagens. Todas têm em cada momento trajectórias próprias, complexas e definidas, como numa dança ininterrupta. A sensação de movimento, agrupamento e dispersão de grupos é constante.

Deverá haver ainda uma miríade de gestos (as personagens cumprimentam quem chega, excepto em casos de evidente animosidade; abrem os guarda-chuvas; tiram os casacos molhados; sentam-se nas cadeiras e nos sofás; observam o quadro de Leonardo da Vinci; ajeitam a toalha; bocejam).

Um dos desafios é: como sustentar tal sucessão vertiginosa de acontecimentos (porém burgueses, porém sempre próximos do kitsch, e apesar da progressiva transfiguração) durante o tempo de representação da peça? O encenador deve tirar partido tanto da profusão de eventos como das possíveis pausas como perturbação do movimento.

Se um exemplo pode ajudar a visualizar a lógica deste acontecimento de acontecimentos, eu pensaria em música: Les Noces, de Igor Stravinsky, tal como dirigidas por Leonard Bernstein.

Nove badaladas do relógio de pêndulo.

Magdalena e Judite estão atarefadas a empilhar na mesa, de forma decorativa, todos os pratos, bases, velas, travessas com aperitivos, talheres, paliteiros, copos, guardanapos, para um jantar volante de treze pessoas.

MAGDALENA

...vai daí, saíram todos menos o gajo.

JUDITE

Como era ele?

MAGDALENA

Veio ao balcão muito atrapalhado com a revista pornográfica...

JUDITE

Isso é para distrair enquanto os outros roubam...

MAGDALENA

Quais outros? Estávamos sozinhos!

JUDITE

Pior!

MAGDALENA

Disparate, Judite!

JUDITE

O seguro morreu de velho.

MAGDALENA

O seguro morreu de tédio.

JUDITE

Qualquer dia...

MAGDALENA

Eu dou boleias, abro a porta aos inquéritos, vou ao multibanco à noite...

Emanuel espreita pela porta do corredor.

EMANUEL

Magdalena, tens uma coisa ao lume...

MAGDALENA

Eu sei.

EMANUEL

Bom-dia, Judite.

JUDITE

Boa-noite, Emanuel.

MAGDALENA

É o carneiro.

EMANUEL

Não te esqueças.

MAGDALENA

Não desligues o forno, está pão a aquecer.

EMANUEL

(Para Judite:) Boa-noite. Pois, já são... Escurece cedo...

JUDITE

Pensei que ainda estava no Banco.

EMANUEL

Quem?

JUDITE

O Emanuel!

EMANUEL

Trouxe casa para trabalho.

JUDITE

Desculpe?

EMANUEL

Trabalho para casa. Com licença. *(Desaparece.)*

MAGDALENA

(Rindo:) Tem cá uma panca!

JUDITE

(Falsamente chocada:) E tu ris?

MAGDALENA

Ele faz de propósito!

JUDITE

Não. Ele é assim.

MAGDALENA

Ninguém "é assim"! As pessoas –

JUDITE

Tocaram.

MAGDALENA

Não ouvi.

JUDITE

Uma pessoa é o que o mundo fizer dela.

Maria entra pela porta da cozinha.

MARIA

Quando é que se come?

JUDITE

Como vais, Maria? (*Vai cumprimentar Maria, que se esquiva.*)

MARIA

Sou a primeira?

MAGDALENA

Telefona ao Simão a lembrar que é às oito, senão ele esquece.

MARIA

A Ana trá-lo a horas.

Um forte cheiro a maçã

MAGDALENA

Vens do jornal?

MARIA

Aqueles camafeus comem-me viva!

JUDITE

(Ressabiada, para si própria:) Se a conseguirem tragar.

MARIA

(Que ouviu; respondendo:) Ao menos não aturo canalhada!

JUDITE

(No mesmo tom:) Ao menos não entro em casa a lamuriar-me!

MAGDALENA

(Divertida, para o corredor:) Emanuel, olha a tua filha!

A campainha toca.

JUDITE

Sempre era a campainha.

MAGDALENA

Alguém atende, se faz favor?

Emanuel aparece, vindo pela porta da cozinha.

EMANUEL

Está a tocar a campainha!

JUDITE

Eu vou! (*Carrega no botão de abrir a porta da rua.*)

MARIA

O Elias?

MAGDALENA

No quarto.

JUDITE

(*Para Emanuel:*) Sabe quem foi assaltado ante-
ontem?

MAGDALENA

(*Chamando para o corredor:*) Elias!

EMANUEL

(*Para Judite:*) Não...

MARIA

(*Abrindo a porta do átrio; gritando:*) Tiago! Um
abraço à titia Maria!

Entram Jessé, Marta e Tiago.

JESSÉ

Vivam todos!

MARTA

(*Para Tiago:*) Dá um beijinho à vovó Magdalena...

JUDITE

E a mim!

Um forte cheiro a maçã

MARTA

... ao vovô Emanuel...

JUDITE

A mim!...

Tiago refugia-se desorientado junto da mesa.

EMANUEL

Que grande!

MAGDALENA

Está a chover?

JESSÉ

Nem imaginam aonde fui deixar o carro.

TIAGO

O Elias?

MARIA

Está no quarto.

TIAGO

A fazer o quê?

MARTA

(Para Tiago:) Dá o casaco à Maria, estás a pingar tudo!

TIAGO

Posso ir ver o Elias?

Tiago e Maria saem pela porta para o corredor.

MAGDALENA

Não me dão os casacos?

JESSÉ

A rua ali em cima agora é sentido proibido?

EMANUEL

Há pouco tempo.

MAGDALENA

Há um ano.

EMANUEL

Já um ano?...

MARTA

O Tiago molhou-vos isto tudo...

JUDITE

(Referindo-se a Tiago:) Como vai a escola?

MARTA

Já sabe quase as letras todas.

JESSÉ

Está aqui, está a ler.

MAGDALENA

(Para Jessé:) Tu já sabias as letras antes de ires para a escola.

MARTA

Faz confusão com o "x".

JESSÉ

Lê "peicse" em vez de "peixe".

MARTA

E cicia.

JUDITE

Temos no infantário um miúdo –

JESSÉ

Então vamos comemorar o quê?

MAGDALENA

Sempre apressado, Jessé?

JESSÉ

Não vou a lado nenhum!

MAGDALENA

Isso é com o Elias.

JESSÉ

O quê?

MAGDALENA

A convocatória. O jantar.

MARTA

Que é feito dele?

Nota

As peças *Um Forte Cheiro a Maçã* e *Antes dos Lagartos* (*Dramaturgias Emergentes*, vol. 1, Lisboa, Cotovia, 2001) foram discutidas no programa da Convenção Teatral Europeia / Centre Européen de la Jeune Mise en Scène intitulado “Connaître, produire, jouer le jeune théâtre européen”, encontro de dramaturgos e encenadores na Casa Gaston Baty (Pélussin, França), em Julho de 2002, para o qual me convidou o então director do Teatro Nacional de São João, José Wallenstein. Estivemos presentes no diálogo à volta destas duas peças Yiannis Paraskevopoulos e Vasia Bakakou (Grécia), Carlos Álvarez-Ossorio e Sergio Rubio Andrade (Espanha), Frédéric de Goldfiem (França), Nuno Cardoso e eu próprio.

Posteriormente, o Centre Dramatique National de Nice-Côte d'Azur / Théâtre de Nice apresentou duas leituras encenadas de *Um Forte Odeur de Pomme*, com tradução de Paulo Correia e direcção de Frédéric de Goldfiem, no Teatro de Nice a 17 de Dezembro de 2002 e no festival *Days of Contemporary Writing* no Teatro Amalia de Salónica a 24 de Maio de 2003. Realizaram esta *mise-en-lecture* os actores: Romain Apelbaum, Diana Canova, Luce Colmant, Audrey Creps, Laurent Delvert, Elphie Dirand, Sophie Duez, Fabien Duprat, Eric Guyonneau, Gilles Ikrelief, Julie Laval, Stephanie Pareja, Cecile Mathieu e Lisa Patrignani.

P. E.